

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Daniel Ferreira Moraes da Cunha

**APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DA UTILIZAÇÃO DO SCOUT NO
COTIDIANO DOS CLUBES DE FUTEBOL**

GOIÂNIA
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Daniel Ferreira Moraes da Cunha

Título do trabalho: Aproximações e distanciamentos da utilização do scout no cotidiano dos clubes de futebol

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Juracy Da Silva Guimarães, Professor do Magistério Superior**, em 30/03/2022, às 09:04, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **DANIEL FERREIRA MORAES DA CUNHA, Discente**, em 01/04/2022, às 10:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2776496** e o código CRC **5D29B6D9**.

Daniel Ferreira Moraes da Cunha

**APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DA UTILIZAÇÃO DO SCOUT NO
COTIDIANO DOS CLUBES DE FUTEBOL**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás como requisito para finalização do curso de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Juracy da Silva Guimarães.

GOIÂNIA
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Cunha, Daniel Ferreira Moraes da
Aproximações e distanciamentos da utilização do scout no cotidiano dos clubes de futebol [manuscrito] / Daniel Ferreira Moraes da Cunha. - 2022.
XLIX, 49 f.

Orientador: Prof. Dr. Juracy da Silva Guimarães.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Goiânia, 2022.
Apêndice.

1. Scout. 2. Análise de desempenho. 3. Futebol. 4. Esporte. I. Guimarães, Juracy da Silva, orient. II. Título.

CDU 796



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E
DANÇA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **vinte e nove dias do mês de março de 2022, às 19 horas**, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**Aproximações e distanciamentos da utilização do scout no cotidiano dos clubes de futebol**”, de autoria de **Daniel Ferreira Moraes da Cunha**, do curso de **Educação Física - Licenciatura**, da **Faculdade de Educação Física e Dança** da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo **Prof. Dr. Juracy da Silva Guimarães - orientador FEFD/UFG** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: **Prof. Ms. Bruno Amaral Ramos - Instituto Federal de Goiás (IFG)** e **Prof. Ms. Marcus Vinicius Tondato - Secretaria de Estado de Esporte e Lazer (SEEL/Goiás)**. Inicialmente o professor Juracy da Silva Guimarães agradeceu a participação dos integrantes da banca examinadora, a presença dos convidados e esclareceu a todos o funcionamento do processo de apresentação e avaliação do trabalho. Em seguida facultou a palavra ao estudante para a apresentação. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de **7,50 (sete virgula cinquenta)**, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Juracy Da Silva Guimarães, Professor do Magistério Superior**, em 30/03/2022, às 09:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Amaral Ramos, Usuário Externo**, em 01/04/2022, às 12:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARCUS VINICIUS TONDATA, Usuário Externo**, em 04/04/2022, às 08:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2776495** e o código CRC **8B3871BC**.

Daniel Ferreira Moraes da Cunha

**APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DA UTILIZAÇÃO DO SCOUT NO
COTIDIANO DOS CLUBES DE FUTEBOL**

Esta monografia foi julgada e aprovada para obtenção do título de licenciado em Educação Física na Faculdade de Educação Física e Dança da Universidade Federal de Goiás.

Goiânia, 29 de março de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Juracy da Silva Guimarães, FEFD/UFG (Orientador).

Prof. Ms. Bruno Amaral Ramos, IFG.

Prof. Ms. Marcus Vinicuis Tondato, SEEL/GO.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, que sempre tiveram paciência e deram apoio durante todo o período da minha graduação.

Ao meu grupo de amigos, que me ajudaram a superar esse período pandêmico, mesmo que de forma on-line acompanharam esse processo ao meu lado.

À Isabela que está comigo desde 2020 e me ajuda até hoje na conclusão do curso.

RESUMO

O futebol é um esporte que se insere no contexto das manifestações da cultura corporal de movimento e se faz presente em todo mundo, principalmente, no Brasil. Entende-se que o scout está inserido dentro de um campo complexo do futebol, buscando analisar a partir da quantificação/qualificação de uma determinada ação individual ou coletiva da equipe com/sem a bola. Este trabalho teve como objetivo geral analisar a utilização do scout por parte de analistas no cotidiano de um clube de futebol de Goiânia; e, como objetivos específicos, entender como este profissional desempenha suas funções e como utiliza o scout para a evolução do futebol praticado por sua equipe. A pesquisa foi de caráter qualitativo e utilizou a entrevista como técnica de coleta de dados. Os sujeitos de pesquisa foram analistas de desempenho de um clube de futebol de Goiânia. A partir dos dados apresentados, foram construídas três categorias de análise: i- Formação do analista de desempenho; ii- Importância dos dados e do profissional de análise do desempenho; iii- Credibilidade do trabalho/resultados para a comissão técnica.

Palavras-chave: Scout; Análise de desempenho; Futebol; Esporte.

ABSTRACT

Soccer is a sport that is part of the context of the manifestations of the body culture of movement and is present all over the world, especially in Brazil. It is understood that the scout is inserted within a complex soccer field, seeking to analyze from the quantification/qualification of a certain individual or collective action of the team with/without the ball. The main objective was to analyze the use of the scout by analysts in the daily life of a soccer club in Goiânia; and, as specific objectives, to understand how this professional performs his duties and how he uses the scout for the evolution of soccer played by his team. The research was qualitative and used the interview as a data collection technique. The research subjects were performance analysts of a soccer club in Goiânia. Based on the data presented, three categories of analysis were constructed: i- Training of the performance analyst; ii- Importance of data and the performance analysis professional; iii- Credibility of the work/results for the technical commission.

Keywords: Scout; Performance Analysis; Soccer; Sport.

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO.....	08
2- METODOLOGIA DE PESQUISA.....	10
3- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	12
3.1- O SCOUT NA POLÍTICA.....	12
3.2- O SCOUT NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS.....	13
3.3- O SCOUT ESPORTIVO	14
3.3.1- O scout no futebol.....	15
4- RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	17
4.1- FORMAÇÃO DOS ANALISTAS DE DESEMPENHO.....	17
4.2- IMPORTÂNCIA DOS DADOS E DO PROFISSIONAL.....	20
4.3- CREDIBILIDADE DO TRABALHO/RESULTADOS PARA A COMISSÃO TÉCNICA.....	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICES	35
APÊNDICE I- ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	35
APÊNDICE II- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ANALISTA A.....	36
APÊNDICE III- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ANALISTA B.....	43

1- INTRODUÇÃO

O futebol é um esporte que se insere no contexto das manifestações da cultura corporal de movimento e se faz presente em todo mundo, principalmente, no Brasil. Enraizado em nossa cultura, o futebol acompanha o brasileiro desde o momento em que nascem como torcedores, ao seguir os times favoritos da família, como jogadores, nos momentos livres de lazer, e também como consumidores, ao assistirmos e comprarmos diversos produtos esportivos. Esse fenômeno ainda está presente na vida do brasileiro como uma forma de ascensão social onde crianças sonham em ser atletas profissionais para transformarem suas vidas e ter todo status e privilégios que os grandes jogadores possuem (DAOLIO, 2005).

Para a educação física, enquanto grande área do conhecimento, é um importante conteúdo de ensino na área escolar assim como é uma das principais manifestações do esporte de alto rendimento. Os esportes, e mais especificamente o futebol, podem ser investigados a partir de várias abordagens: a função, a sociabilização, a mercadorização, a espetacularização, etc. (RINALDI, 2000).

O futebol, ao longo de seu desenvolvimento, passou por inúmeras modificações sob vários aspectos. Suas regras, por exemplo, somente passaram a prever a utilização dos cartões amarelo e vermelho na década de 1960 para dar uma maior dinâmica ao jogo e proteger os jogadores de possíveis lesões, como também evoluções a sua forma de jogar e pensar no jogo. O futebol passou a ser mais estudado e analisado por áreas do conhecimento, como a fisiologia, nutrição e psicologia. Parte importante dessa evolução da modalidade esportiva tem relação com a cientificização do esporte com métodos de treinamento e avaliação do desempenho de atletas e da própria equipe. E foi nesse contexto que a estatística começou a ser desenvolvida no futebol.

Na esteira dessas novidades o *scout*, que para efeito deste estudo entende-se como a quantificação/qualificação de uma determinada ação individual ou coletiva da equipe com/sem a bola e faz parte de um modelo estatístico, passou a ser uma ferramenta utilizada para observação e análise cuja o principal objetivo é a coleta do máximo de informações ao nível individual (de jogadores) ou coletivo (equipes). O *scout* auxilia tanto na preparação física individual de cada jogador, como na preparação tática e organização coletiva do time. Diante disso, o *scout* se tornou

uma parte importante para as comissões técnicas de todos os times profissionais no futebol e em diversas outras modalidades.

Assim, o presente estudo teve como objetivo geral analisar a utilização do scout por parte de analistas no cotidiano de um clube de futebol de Goiânia. Como objetivos específicos, a pesquisa buscou entender como este profissional desempenha suas funções e como utiliza o scout para a evolução da equipe de futebol.

Esses objetivos e esse tema de pesquisa me instigaram a desenvolver este trabalho por alguns motivos pessoais. Desde a etapa escolar, eu tinha interesse por números e contas. Esse interesse não ficou exclusivo só à escola, pois após concluir o ensino médio, fiz por um curto período um curso da área de engenharia. Apaixonado por esportes e todo o contexto que o envolve, decidi me mudar para o curso de Educação Física e percebi que esses dois conteúdos poderiam ser trabalhados em conjunto. Foi daí que partiu o interesse pelo scout e pela análise de desempenho.

Esse trabalho foi dividido em três grandes partes que seguem após essa breve introdução. A primeira parte foi a descrição e detalhamento do percurso metodológico de percorremos durante o estudo. A segunda parte foi a apresentação de conceitos teóricos que são essenciais para a compreensão do tema. A quarta parte foi a análise e discussão dos dados a partir das categorias que se evidenciaram após a abordagem empírica. E por fim, as considerações finais do trabalho destacando os principais resultados e possíveis encaminhamentos sobre o tema.

2- METODOLOGIA DE PESQUISA

Essa pesquisa foi de caráter qualitativo pois buscou investigar questões que não podem ser explicadas apenas por números e contas, mas sim por relações, histórias e subjetividades que estão presentes na vida humana (MINAYO, 2008). Neste caso em específico, para analisar a utilização do scout por profissionais de análise de desempenho, foi necessário recorrer as posições e opiniões de profissionais diretamente relacionados com o cotidiano de aplicação dessa ferramenta no cotidiano de um clube de futebol.

O tipo de pesquisa adotado foi o exploratório pois, de acordo com Gil (2010), para se caracterizar como uma pesquisa tem que explorar um tema que ainda necessita de mais solidez na área científica. Portanto foi necessário resgatar conceitos teóricos básicos relacionados com o tema, por exemplo, estatística/scout e suas diversas utilizações em outras áreas para desenvolver esse estudo. Outra característica desse tipo de pesquisa é a busca por características iniciais do tema, com a aproximação dos sujeitos pesquisados, a compreensão de sua formação e sua função como profissional.

Os critérios de escolha dos sujeitos pesquisados foram: ser analista de desempenho de futebol; estar trabalhando ativamente em um clube profissional de Goiânia. De acordo com Gil (2010), é de suma importância que os dados coletados sejam elucidados pelos próprios sujeitos para que sejam validados e tenham as representações das principais vozes a serem ouvidas.

Para manter o sigilo e a identidade secreta dos sujeitos pesquisados, foram ocultados dados que pudessem revelar e identificar os sujeitos pesquisados, portanto, os analistas foram identificados como Analista A e B, de acordo com a ordem temporal de realização da coleta dos dados.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada (MINAYO, 2008). Segundo a autora, esse tipo de técnica privilegia a voz dos sujeitos e abre espaço para interpretação do pesquisador. A entrevista semiestruturada tem uma base de questões que são abertas com um direcionamento específico em que podem ser abordados temas adjacentes que interessem ao estudo, portanto, houve uma intencionalidade na escrita do roteiro, porém com questões que podiam ser mais exploradas durante a entrevista.

O roteiro de entrevistas (Apêndice I) foi formulado com o intuito de explorar questões sobre a realidade do scout no futebol, portanto foi necessário a visualização ampla da rotina do profissional responsável por esse tema. Os entrevistados também foram questionados sobre sua formação acadêmica e profissional, sobre a utilização do scout, seus benefícios e suas dificuldades e, por fim, sobre a credibilidade e o status do scout entre comissões técnicas e treinadores de futebol.

A partir da realização da coleta dos dados com os analistas A e B, surgiram os corpos de análise que estão presentes nos Apêndices II e III, com a transcrição das entrevistas. Essa transcrição foi necessária e utilizada nesse trabalho pois, de acordo com Minayo (2008) e Gil (2010), a validade e a credibilidade dos dados são garantidas com as próprias palavras dos sujeitos entrevistados. Portanto, a partir dos corpos de análise construídos, foram feitas diversas leituras e anotações de pontos importantes que constituíram três categorias de análise principais para esse trabalho. As três categorias de análise são: 1- Formação do analista de desempenho; 2- Importância dos dados e do profissional de análise de desempenho; 3- Credibilidade do trabalho/resultados para a comissão técnica.

No próximo item, segue o capítulo de revisão bibliográfica em que foram resgatados conceitos teóricos de outras áreas relacionadas à estatística, como a política, a ciência e o esporte.

3- REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nessa parte do trabalho, foram selecionados conceitos teóricos que auxiliam no desenvolvimento do tema e como dito anteriormente na metodologia de pesquisa, alguns conceitos foram trazidos de outras áreas para exemplificar melhor o conceito de scout. Dessa forma, faz-se necessário trazer o significado do termo scout e suas diversas representações.

O termo “*scout*” de origem inglesa possui diversos significados de acordo com o Dicionário de Cambridge¹. O primeiro significado do termo vem dos períodos de guerra que designava uma pessoa para colher informações sobre o adversário e para se prepararem. O segundo significado é da pessoa que está procurando por alguém ou algum lugar que possui uma característica específica para alguma finalidade. O terceiro é um verbo cuja o significado é ação de procurar por algo em específico de forma intencional.

Entende-se então, assim como Oliveira et al (2015), que o scout é um método estatístico, diante disso, são apresentados a seguir os conceitos de scout a partir de três outras áreas relacionadas com a estatística: a política, a ciência e o esporte.

3.1- O SCOUT NA POLÍTICA

Antigamente, as primeiras formas de utilização de contas e enumeração de pessoas começaram nos grandes impérios do Egito, da Mesopotâmia e da China para a contagem de seus súditos e tentativa de controle dos territórios. Alguns traços dela também foram utilizados em meios militares, para contagem de soldados, artefatos de guerra, contagens para a batalha, entre outros dados importantes durante a Idade Média até o começo do século XIX. Nessa época, a polícia também utilizava de instrumentos de conta para dados criminalísticos e na resolução de crimes (MARTIN, 2001).

O uso da estatística começou a surgir como pesquisas sociais no século XIX, como por exemplo a condição de vida dos trabalhadores, o sistema industrial e agrícola e condições de grupos marginalizados. Esse uso possuía a finalidade

¹ Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/scout>> . Acesso em: março de 2022.

específica naquele momento que era de controlar e intervir nos fenômenos sociais que vinham como problemas sociais agravantes (MARTIN, 2001).

Aos poucos a utilização das ferramentas de estatística como o scout começou a fazer parte também de pesquisas científicas. A estatística passa a ser utilizada como forma de desenvolver conhecimentos científicos e auxiliar como ferramentas para autoridades do Estado formularem políticas públicas, prever intervenções, etc. Portanto, a estatística passou a ser importante tanto para a sociedade quanto na política (MARTIN, 2001).

Um exemplo de utilização da estatística no campo ocorre durante períodos de eleição no Brasil (presidencial, de governadores, senadores, prefeitos, deputados e vereadores). Essa ferramenta é usada como amparo para candidatos se organizarem e perceberem como estão as intenções de votos da população, assim como a população também se informa sobre números importantes de seus candidatos preferidos e a concorrência.

Assim, como a utilização da estatística nos períodos de eleição, há também a utilização de dados gerais da população brasileira para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) que mensura dados quantitativos, qualitativos, socioeconômicos e geográficos do país. Esses dados são importantes não só para o controle da população, mas também para a criação de políticas públicas específicas para determinados grupos.

3.2- O SCOUT NAS PESQUISAS CIENTÍFICAS

Na ciência, uma das utilizações da estatística é como um meio probabilístico para explicar a quantidade de vezes que um fenômeno acontece. Esses tipos de contas e enumerações são utilizados tanto em estudos de observação quanto em estudos de experimentações e análises precisas e imprecisas, para que possam ser feitas previsões futuras para outras pesquisas. A estatística pode ser usada durante o planejamento científico em um projeto ou na análise de dados de uma determinada experiência (SAMPAIO e DANELON, 2015).

Atualmente, a estatística é utilizada em todas as áreas do conhecimento humano, passando por todos os campos científicos, das humanidades às exatas. Ela pode se dedicar à coleta, análise e interpretação dos dados da pesquisa. É uma

parte muito importante para a ciência compreender os fenômenos de forma precisa e concisa (SAMPAIO e DANELON, 2015).

O termo estatística:

“surge da expressão em latim *statisticum collegium* palestra sobre os assuntos do Estado, de onde surgiu a palavra em língua italiana *statista*, que significa ‘homem de estado’, ou político, e a palavra alemã *Statistik*, designando a análise de dados sobre o Estado. A palavra foi proposta pela primeira vez no século XVII, em latim, por Schmeitzel na Universidade de Jena e adotada pelo acadêmico alemão Godofredo Achenwall. Aparece como vocabulário na Enciclopédia Britânica em 1797, e adquiriu um significado de coleta e classificação de dados, no início do século XIX” (SAMPAIO e DANELON, 2015).

Como marco inicial em publicações científicas, encontra-se a publicação “*Observations on the Bills of Mortality*” (Observações sobre os Censos de Mortalidade, de 1662 do autor John Graunt (SAMPAIO e DANELON, 2015). Nessas aplicações, como mencionado no tópico anterior, as contas eram ferramentas para a organização do Estado com relação a políticas públicas, voltadas às necessidades sociais, com dados demográficos e econômicos, principalmente. Nesse sentido, ela se expandiu largamente em todos os âmbitos da vida humana e é amplamente consolidada no meio científico (SAMPAIO e DANELON, 2015).

No século XX, com a sua consolidação em todas áreas do conhecimento, a estatística foi reconhecida como um campo da ciência e está ligada à tecnologia e à lógica. A estatística moderna “é uma tecnologia quantitativa para a ciência experimental e observacional que permite avaliar e estudar as incertezas e os seus efeitos no planejamento e interpretação de experiências” (SAMPAIO e DANELON, 2015).

3.3- O SCOUT ESPORTIVO

Nos esportes de alto rendimento onde a performance e os records são essenciais para os resultados de atletas e das equipes pequenos detalhes podem fazer grandes diferenças. Por este motivo várias áreas da ciência estão se “envolvendo” no esporte, desde aplicações médicas até conhecimentos pessoais e subjetivos (VENDITE, 2010).

Dentro dessas inúmeras ciências incorporadas ao esporte, a estatística tem um papel primordial nesse meio com o scout. A comissão técnica, por meio de um

analista de desempenho, utiliza o scout visando dados importantes para a organização técnica e tática de seu atleta em uma partida. Essa organização sistematizada também é utilizada em diversas outras formas e, principalmente, como avaliação do time adversário, para prever jogadas ou possibilidades que podem ser utilizadas contra o próprio time.

De acordo com Vendite (2010), no esporte atualmente, não há uma comissão técnica que consiga desenvolver sua equipe sem a descrição completa e detalhada de dados situacionais de jogo do próprio time e do time adversário. Segundo o autor, esse trabalho é recente no Brasil e os dados provenientes dos scouts quando aplicados, desenvolvem a preparação esportiva em todos os aspectos (físicos, táticos e técnicos).

3.3.1- O scout no futebol

Historicamente, as noções básicas do scout surgiram no futebol em 1936 com análises específicas de passes e outros fundamentos técnicos do esporte (VENDITE; MORAES; VENDITE, 2003). No entanto, no futebol brasileiro o scout surgiu a partir de jornalistas esportivos. De acordo com Akstein et al (2003), o jornalista e radialista Cláudio Carsughi em meados dos anos 50, desenvolvia anotações e comentários para jogos de futebol na Rádio Jovem Pan. Esse jornalista considerava que a partida era vista por ele com outros óculos, ou seja, ele a notava com um olhar mais numérico e quantitativo.

Fernandes (1994) acredita que o scout no futebol serve como ferramenta para medir a eficiência de cada jogador, em particular, e da equipe, coletivamente. De forma complementar e mais ampla.

A análise das ações no futebol com ou sem a bola são múltiplas e utilizam diversas formas e parâmetros para o registro dos dados. A partir dessa organização e sistematização de dados é possível a análise auxiliada no desenvolvimento de uma equipe durante um único jogo ou em uma temporada/campeonato (GODIK, 1996).

As análises de dados podem evidenciar a qualidade nas ações técnicas-táticas durante uma partida e, normalmente, avalia-essas ações em três tipos: ações de técnica-tática coletiva, ações de técnica-tática em grupos e ações individuais da técnica-tática, ou seja, o primeiro tipo é a análise do time como um todo, o segundo tipo é a análise de um grupo específico do time (exemplo: defesa, meio, ataque) e,

por fim, o terceiro é a análise de cada jogador. Nessa ordem, as análises devem estar em harmonia entre os tipos e deve ser respeitada a ordem de submissão, pois a análise individual deve estar de acordo com a análise de grupo que deve respeitar a análise da equipe.

De acordo com Vendite e Vendite (2005), os principais tópicos de análise são: passes, desarmes, cruzamentos, finalizações, faltas, e dados do goleiro. Dentro desses tópicos é possível perceber inúmeros detalhes, não só números, mas também local do campo, quantidade de acertos e erros, controle de cartões, posicionamentos, entre outros detalhes.

A utilização do scout apenas por números “frios” pode ser equivocada, pois enquanto a interpretação vier só dos números não há como explicar certas situações de jogo. Bottaro (2009) exemplifica a situação de um time que está jogando muito melhor que o outro, obteve um maior número de finalizações durante a partida, mesmo assim está perdendo de 1x0 para uma equipe que finalizou apenas uma vez ao gol.

Há no scout, três tipos de observação em que o profissional de análise pode trabalhar os dados de sua equipe. As observações são: direta, indireta e mista.

A observação direta ocorre diretamente no ambiente de jogo e possui inúmeros benefícios pela leitura de dados na realidade da partida. Pode-se encontrar então aspectos que acontecem durante as partidas por conta de múltiplos fatores.

A observação indireta acontece por meio de vídeos e tecnologias similares. Esse tipo de observação serve como material para dados mais quantitativos e situações mais específicas de jogo.

Por último, a observação mista é a junção das duas anteriores onde acontece a observação momentânea e a análise por meio de vídeos (RUNA, 2021).

O scout, portanto, enquanto modelo estatístico veio para o esporte, em específico, o futebol por meio de outras áreas da sociedade. Desde a antiguidade, idade média, guerras, batalhas, política e ciência o scout foi utilizado como uma ferramenta essencial na vida humana. O esporte e o futebol, inseridos nesse contexto também se apropriaram dessa ferramenta com o intuito de desenvolver sua prática de acordo com as demandas exigidas nos mais altos níveis de profissionalização. A partir desses conceitos e dessa discussão teórica, a seguir trata-se da parte de resultados e discussão dos dados da pesquisa.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta parte do trabalho, a análise dos dados foi estruturada por três categorias. Essas categorias foram listadas a partir da leitura e interpretação das transcrições das entrevistas feitas com os profissionais, ou seja, foram os principais pontos de destaque trazidos pelos relatos dos sujeitos. Diante disso, as três categorias são: 1- Formação do analista de desempenho; 2- Importância dos dados e do profissional de análise do desempenho; 3- Credibilidade do trabalho/resultados para a comissão técnica.

4.1- FORMAÇÃO DO ANALISTA DE DESEMPENHO

Os dois analistas de desempenho entrevistados possuem uma característica em comum com relação a formação acadêmica. Ambos possuem a formação inicial relacionada com o ensino de esportes; ou seja, segundo eles:

“[...]sou formado em Educação Física, bacharelado pela Universidade Federal de Goiás” (ANALISTA A).

“Sou formado em Ciências do Esporte na Universidade Estadual de Londrina” (ANALISTA B).

Apesar de não ser uma exigência ou um pré-requisito com uma formação acadêmica, os dois estudaram, pesquisaram ou tiveram experiência com o futebol em suas formações iniciais, no curso de Educação Física, no caso do analista A, e no curso de Ciências do Esporte, no caso do analista B. Percebe-se, com esse dado, que não há uma formação acadêmica específica para o analista de desempenho. Os dois são formados em áreas em que o esporte está inserido, mas não há um curso superior específico para que se trabalhe na área.

Ao serem questionados sobre quais exigências feitas pelos clubes para a contratação de um analista de desempenho, ambos afirmaram não ter conhecimento de nenhuma exigência de natureza acadêmica em suas trajetórias. Segundo eles:

“Não existe pré-requisito para trabalhar na área, você pode ser formado em qualquer área, ou não ser formado e pode trabalhar como

analista de desempenho. Não é pedido nenhuma formação específica. O que vale é o seu conhecimento e como passar o que é pedido. Então, eu me formei em Educação Física e prestes a me formar decidi pesquisar mais sobre isso, voltado para a análise de jogo e acabei de descobrindo que existia uma profissão específica com esse nome de Analista de Desempenho, pra ser sincero eu não conhecia que existia um cargo específico pra isso” (ANALISTA A).

“Por ser formado em Ciências do Esporte, ajudou um pouco, tenho uma pós-graduação, mas é um pouco fora da área, foi em medicina do esporte” (ANALISTA B).

O analista A indicou que sua formação como analista surgiu a partir de pesquisas centradas na análise do jogo. Essas investigações fizeram com que ele descobrisse a atuação profissional de analista de desempenho, algo que ele não sabia. Logo após essas pesquisas e investigações, o analista A buscou conhecer mais sobre essa área em cursos específicos. Segundo ele, havia poucos cursos para analista até que, no momento em que ele escolheu estudar, surgiram vários tipos de curso. O analista A alegou que fez vários tipos de curso sobre a área, cursos online, presencial e o curso da CBF.

“Depois disso, passei a fazer vários cursos. Aqui no Brasil existiam poucos e foi bem nessa época que começaram a sair muitos cursos e foi muita coincidência pois foi bem na época que eu comecei a estudar e procurar sobre. Fiz vários cursos. Cursos online, cursos presenciais, fiz curso da CBF, todos voltados para a Análise de Desempenho” (ANALISTA A).

O analista B teve um caminho um pouco diferente do analista A com relação a sua formação. A sua formação com o scout surgiu a partir de suas experiências profissionais. Segundo o profissional, sua formação começou com as suas experiências nos times de categoria de base de sua cidade. Essas experiências foram fundamentais para que ele se tornasse profissional na área. Assim como o analista A, o analista B relatou que fez cursos sobre a análise de desempenho.

“[...] trabalhei na minha cidade [...] como preparador físico do sub-15 em 2014, depois em 2017 como auxiliar do sub-11 e do sub-13, 2018, como técnico do sub-11 e auxiliar do sub-13. Daí no meio de 2018 vim pra cá como Analista de Desempenho da base. Os cursos ajudam a ter maior conhecimento, ajudam a entender um pouco mais, ajudam um pouco no contato da prática, mas não tem pré-requisito não. Os cursos ajudam a entrar, mas não é obrigatório” (ANALISTA B).

Os dois analistas relatam de forma semelhante que tanto os cursos de ensino superior quanto os cursos formativos para a análise de desempenho não são obrigatórios para desenvolverem suas atividades profissionais, apesar de auxiliarem em suas formações, como é visto nas declarações destacadas anteriormente.

Nessa categoria de análise, pode-se perceber alguns pontos importantes sobre a formação de analistas de desempenho do futebol. O primeiro é que para ambos os profissionais não há uma formação acadêmica específica, mas os dois possuem uma formação superior em que a área esportiva está inserida (tanto Educação física quanto a Ciências do Esporte).

Rodrigues (2014) defende que a formação de técnicos de futebol passa pelo curso de Educação Física. Para o autor, o curso não consegue atribuir a formação necessária para a realização do trabalho do técnico, porém o curso tem um papel limitado nessa contribuição. Além disso, o autor chama atenção para o fato de que boa parte da formação de treinadores acontece fora da formação acadêmica, por experiências profissionais e pessoais. Na presente pesquisa, os resultados se assemelham ao que Rodrigues (2014) define. Os analistas buscaram formações acadêmicas em que o futebol estava relacionado, mas não foram os principais lugares de formação.

Outro fator importante nessa categoria de análise foi o interesse por trabalhar com a análise de desempenho dos dois profissionais. O analista A relatou que teve interesse em trabalhar na área a partir de suas experiências como praticante da modalidade e com as pesquisas que buscou fazer durante seu curso de graduação. O analista B, de forma diferente, já trabalhava com o esporte, como técnico e auxiliar técnico das categorias de base de sua cidade.

Por fim, outro ponto em comum dos dois profissionais foi a realização de cursos específicos para a atuação como analista de desempenho de futebol. Os dois alegaram a realização de cursos preparatórios e específicos sobre a análise de desempenho, o que demonstra a necessidade de especialização e aprofundamento do profissional por outros meios formativos, já que não existem cursos de formação superior para análise de desempenho.

4.2- IMPORTÂNCIA DOS DADOS E DO PROFISSIONAL DE ANÁLISE DE DESEMPENHO

A importância da análise dos dados e do profissional para os dois entrevistados foram destacadas de formas bem parecidas. Os dois analistas destacaram a importância dos tipos de análise, sendo elas a análise direta/in-loco e análise indireta/a distância.

“[...] a análise de desempenho, são divididas em duas partes: análise in-loco e análise a distância/observação. Hoje em dia a tecnologia ajuda muito nessa análise, você não precisa ficar indo aos estádios, você consegue ficar em casa e assistir dois, três jogos seguidos no notebook, na televisão ao invés de ficar se deslocando de um estádio pro outro, como era antigamente, antes dessa parte tecnológica ser inserida. Então são divididos nessas duas formas, presencial e não presencial, a presencial acaba tendo o nome de análise in-loco”
(ANALISTA A).

“Tem o direto, indireto e misto. O direto no campo, o indireto pelo computador ou algum lugar fora do campo e o misto nos dois”
(ANALISTA B).

Percebe-se a partir dos dois relatos dos profissionais que a atuação dos analistas é feita de três formas. A primeira forma é a análise feita diretamente do ambiente de jogo, in-loco, ao vivo, onde o analista desenvolve suas atividades durante a partida ou o treinamento. A segunda forma é a análise indireta, ou a distância ou a de observação, na qual o analista utiliza de tecnologias para desenvolver suas atividades principais, não estando presencialmente no estádio ou

no CT junto com seus atletas. A terceira forma de análise dos dados é a mista, na qual a análise ocorre dentro do ambiente de jogo e também com vídeos e tecnologias para a coleta. Esses relatos corroboram com que Runa (2021) define acerca dos tipos de observação.

Outro ponto importante citado durante as entrevistas com os analistas de desempenho se trata dos dados quantitativos e qualitativos. Os dois profissionais citaram que há formas de analisar os dados quantitativamente e qualitativamente. Segundo eles:

“tem as outras duas formas de análise, que são usadas em várias outras áreas: qualitativa e quantitativa. Eu trabalho aqui muito mais, ou até 100% com a análise qualitativa, no início quando eu era leigo nessa parte da análise de desempenho, eu pensei que ia mexer com muito número no início, e entrei mexendo com números, fazia registro dos jogos: passe certos, passes errados, finalizações certas, finalizações erradas, finalizações no alvo, finalizações pra fora. Essa é a parte mais quantitativa do jogo que no meu cargo hoje se usa muito pouco, eu foco mais na análise qualitativa que é você estudar o jogo, estudar o adversário, quais são os pontos fortes e pontos fracos, como eles saem jogando atrás desde o tiro de meta, se curto ou longo, quando é curto se saem mais com o zagueiro da esquerda ou da direita, se o zagueiro da direita é melhor construtor do que o outro zagueiro, a gente vai passando essas estratégias para o treinador para ele refletir, treinar a equipe se vai pressionar o zagueiro, se vai deixar jogar ou vice-versa (...) (ANALISTA A).

“[...] a qualitativa e a quantitativa são mais influentes, porque dependendo do que o treinador pedir ou estiver treinando ou está no jogo, o número não vai te dar a resposta. Acredito que entender o que tá acontecendo, entender o que o treinador quer é a melhor resposta para o tipo de scout” (ANALISTA B).

A partir dessas declarações, percebe-se que dentro da análise de desempenho, há duas formas de trabalhar com os dados coletados. A primeira forma é quantitativa em que são medidos, contabilizados, quantificados os números

de um determinado fundamento, de uma determinada ação do jogador ou de uma tática específica da equipe. Nesse modelo de análise, os números são primordiais e utilizados de forma fria e sem conexão com situações de jogo ou com o ambiente da partida. A segunda forma é a qualitativa na qual a análise é feita para entender como está sendo construído o jogo, tanto do time em que o analista trabalha quanto do time adversário que o analista enfrentará. Esse tipo de análise privilegia a melhor forma de se portar em uma determinada situação, de acordo com o jeito de jogar do time adversário ou de outras condições que podem surgir durante o jogo.

Portanto os dois analistas trabalham com maior ênfase na análise qualitativa para entender os processos durante o jogo e treinar suas equipes com uma intenção clara e objetiva em cima desses dados. Essa abordagem não exclui o uso da quantificação de dados, mas pauta-se de forma qualitativa em cima dos dados, ou seja, não são apenas números frios por eles mesmos, mas sim o porquê essa ação com ou sem a bola acontece com maior frequência, o porquê de um time se portar de uma determinada maneira em uma situação específica, de forma complementar ao que Godik (1996) aponta. Seguindo o autor, o scout analisa ações técnicas-táticas, porém aqui para os analistas entrevistados, o scout vai além da mera análise dessas ações. O profissional tenta encontrar o porquê de estar acontecendo uma determinada ação ou um determinado erro.

Sobre a importância do profissional de análise de desempenho nas comissões técnicas de futebol, os dois analistas destacam o papel do profissional na avaliação do time e dos adversários. A forma como eles enxergam o jogo e o treinamento, são diferentes da forma como o técnico e seus auxiliares veem.

“A gente também faz análise da nossa equipe, sempre depois dos nossos jogos, analisamos como foi a nossa equipe da mesma forma como analisamos o adversário, como foi a nossa construção de jogo, como foi a fase de finalização, por onde a gente conseguiu finalizar, nossos erros também, então lá no final da temporada a gente pode relacionar os primeiros jogos da temporada e jogos do final e podemos ver o quanto a nossa equipe evoluiu” (ANALISTA A).

“É bem importante, influencia muito no trabalho que está sendo feito, as vezes a gente está procurando ver por um ângulo, ou por uma maneira diferente do que todo mundo tá vendo no campo, ou o

treinador/auxiliar estão vendo, a gente é mais uma visão da mesma situação que está acontecendo e isso pode ser durante treino, durante jogos, pelo olho na hora da conversa, no computador ou por desenhos, de alguma maneira que demonstre a situação diferente do que estão vendo ou então comprove que realmente está acontecendo e com isso ao longo dos dias, semanas, meses acaba influenciando, acaba mostrando pontos que convergem e pontos que divergem e com isso vai agregando no trabalho e ao fim de uma temporada a chance de estar melhorando são maiores” (ANALISTA B).

Essas duas falas evidenciam um ponto importante do trabalho do analista de desempenho no futebol, pois é a partir das avaliações feitas por eles, ao longo de um processo, um tempo, em que se nota a evolução da equipe. Portanto a análise serve como instrumento de verificação da evolução da equipe, quais pontos possuem melhoras, quais pontos precisam ainda de melhorias, necessidades individuais, necessidades de uma parte do time ou do time como um todo. Esse olhar por um ângulo diferente combinado com a perspectiva e filosofia da comissão técnica são importantes para os resultados pretendidos pela equipe durante um campeonato ou durante toda a temporada.

Outro ponto sobre a importância dos dados da análise é sobre a diferença do uso do scout no jogo e nos treinamentos. De acordo com os analistas, no treinamento o uso da scout é mais individualizada e deve-se focar em potencializar as individualidades de forma mais pontual, específica e objetiva.

“A nossa análise de treino é mais individual do que a dos jogos que são mais coletivas. Nos jogos a gente costuma corrigir de forma mais coletiva, sentamos na sala de vídeo com o elenco inteiro e mostra o que fez de bom, o que fez de ruim, onde podemos melhorar. Já nos treinos, a gente procurar corrigir mais de forma individual, separar vídeos de forma individual mesmo, por exemplo, o lateral direito, se ele tá fazendo alguma movimentação errada ou alguma movimentação que ele está fazendo muito bem pra gente potencializar e assim em todas as posições, de forma mais individual

então eu diria que a principal diferença entre a utilização de treino e de jogo é essa” (ANALISTA A).

“eu procuro me posicionar onde o treinador não está, ou pelo menos de um lugar que eu consiga ouvir, mas esteja do lado oposto, para que eu consiga dar uma resposta melhor por estar vendo mais perto do que o treinador e isso durante os treinos. E aí durante o treino, ou entre um exercício e outro a gente acaba conversando e tendo uma troca de ideias que acabam influenciando no trabalho e no treinamento dos jogadores” (ANALISTA B).

Ambos analistas destacam nessa parte a forma como eles complementam individualmente o trabalho da comissão técnica. O analista A relata que nos treinos ele participa mais ativamente nas funções individuais com um determinado jogador, ou determinada posição para a correção ou para o aprimoramento de questões técnicas ou táticas. O analista B, por outro lado, visa desenvolver seu trabalho nos detalhes que não estão sendo observados primordialmente, em questões que o treinador ou a comissão não estejam, para complementar o trabalho principal da comissão. Essas falas estão de acordo com o que Godik (1996) relata sobre a harmonia da análise de equipe, de grupo e individual. Segundo o autor, o uso dos dados deve ser seguir uma ordem lógica e pelos resultados apresentados, os analistas dentro do treino dão preferência pelo desenvolvimento individual enquanto o restante da comissão técnica enfoca em outra parte.

Por fim, na última parte de destaque sobre esse ponto nas respostas dos analistas pode-se perceber os benefícios da utilização dos scouts na preparação de um time de futebol. Para os analistas o benefício principal do scout se dá pela evolução individual e coletiva da equipe, assim como Godik (1996) define. Os dois destacaram a função importante em que os analistas são buscados individualmente pelos próprios jogadores para que eles possam observar particularmente em suas ações e tomadas de decisão. A outra função, coletiva, também auxilia bastante na evolução do time, pois são essas figuras que por meio de vídeos, esquemas e outras ferramentas que trazem dados relevantes para toda a equipe.

“Sobre benefícios tem a evolução da equipe, evolução individual dos jogadores. Tem jogadores que pedem vídeos após os jogos para ver

onde erraram, pedem conselho do que podem melhorar, são poucos mas isso já vem crescendo bastante e desde que comecei aqui (5 anos), as vezes um jogador pedia um gol dele, pedia pra postar nas redes sociais, mas isso vem evoluindo e hoje acabam pedindo mais, zagueiros pedem vídeo pra corrigir alguma coisa, pede minha opinião e isso vem evoluindo bastante, ver que os jogadores estão querendo melhorar. E isso a gente vê que evolui mesmo, por exemplo, [...] a gente pode pegar muito mais pontos positivos do que esse de agora, porque durante o ano a gente vai conseguindo evoluir muita coisa e isso faz muita diferença, trabalhar assim com a análise qualitativa com o vídeo” (ANALISTA A).

“De beneficio eu vejo que a gente é a prova do que está acontecendo nos treinos e nos jogos e com as nossas imagens, desenhos ou mesmo um vídeo, o treinador consegue mostrar pro jogador o que ele está fazendo, as vezes na fala ou no quadro não fica tão claro pro jogador e vendo vídeo ele consegue entender. Além disso, a gente também consegue mostrar que além de variações setoriais ou do grupo inteiro, mostrar o posicionamento corporal, tipo domínio, enfim, influências individuais e desenvolver algo que normalmente não dá pra ver no treino e no jogo, já que são tantas informações vindo que acaba não tendo isso. E com essas imagens e vídeos, o jogador vê o que tá fazendo, e antigamente, o jogador falava “ah, não to fazendo isso” então não tinha como provar, agora não tem pra onde eles fugirem” (ANALISTA B).

Os analistas também trouxeram dificuldades pelas quais o profissional da área passa ao longo de seu trabalho.

O analista A, por exemplo, citou que o uso exagerado da análise de desempenho dos erros da própria equipe quando estava em uma má fase durante o campeonato. Esse tipo de metodologia não serviu muito para a evolução da equipe, pelo contrário. A equipe passou a ficar mais desmotivada e não obteve bons resultados. Por isso o analista decidiu mudar a metodologia e passou a mostrar apenas vídeos sobre as equipes adversárias.

O analista B, por outro lado, relata que a dificuldade principal é alinhar os princípios da análise com a comissão técnica, pois com a mudança de técnicos e

comissão, nem sempre a mesma filosofia está de acordo entre todos. Essa mesma característica é apontada por Bottaro (2009) ao relatar o uso das análises feitas de forma “fria” e sem o entendimento da situação de jogo e da equipe. Segundo o autor, essa análise deve ser uma metodologia que esteja de acordo com a comissão técnica e às necessidades da equipe.

Nesta segunda categoria de análise de importância dos dados e do profissional de análise, três destaques se mostraram relevantes. O primeiro deles foi sobre os tipos de análise que são utilizadas pelos profissionais. Os tipos de análise são: direta/in-loco, diretamente do ambiente de jogo, do estádio; indireta/a distância, que é guiado por um instrumento tecnológico fora do ambiente de jogo; e a mista, com a presença do analista no ambiente de jogo e a utilização de vídeos e outras tecnologias.

O segundo foi a forma de analisar os dados, pois há a forma quantitativa, em que são contabilizados números e estatísticas importantes sobre um jogador ou a equipe, e a forma qualitativa, que busca entender o processo de jogo do próprio time ou do time adversário, individual ou coletivamente.

O terceiro resultado demonstrou os benefícios e as dificuldades da análise de desempenho. Como benefícios pode-se perceber a evolução individual e coletiva do time durante um período. As dificuldades relatadas foram o uso exagerado e desmotivante dos vídeos com a própria equipe e também o alinhamento de perspectivas e filosofia de trabalho com a comissão técnica. A seguir, será apresentada a terceira categoria de análise.

4.3- CREDIBILIDADE DO TRABALHO/RESULTADOS PARA A COMISSÃO TÉCNICA

Sobre a credibilidade do analista para a comissão técnica, os analistas A e B deram respostas parecidas sobre esse ponto. Os dois fatores que chamam atenção sobre a credibilidade de seu trabalho foram: a confiança do técnico e o preconceito contra a análise. Segundo eles:

“Eu entrei aqui como estagiário, e o primeiro treinador que tive oportunidade trabalhar era um treinador jovem, dois anos apenas mais velho que eu e me deu muita liberdade, me sugava muito e me

dava liberdade de discutir com ele e me sentia muito confortável com ele, evoluí muito por causa dessa abertura e ele era o treinador do sub-20. Depois que eu subi pro profissional, o primeiro treinador me pedia muita coisa, mas era uma relação muito fria, eu só passava o material, a partir dali não tinha diálogo e partir disso era o que ele interpretava do material. Já tiveram outros treinadores que não pediam a imagem aberta (aparecendo mais jogadores, mais fácil de estudar o jogo do que a imagem da TV), então já aconteceu de me pedirem pra refazer só com imagem de TV, com narração do jogo, queria ouvir a narração porque não sabia reconhecer quem estava com a bola e gostava de ouvir a narração. Já houve treinadores que não utilizavam quase nada do meu trabalho, já fiquei por volta de 3 meses sem usar o meu trabalho, o treinador não gostava de mostrar vídeo, usava muito pouco, ia muito mais na base dos achismos dele, era um treinador mais antigo. O treinador atual me dá muita liberdade, é a relação perfeita que eu penso entre analista-treinador, vamos construindo o material durante a semana toda, discutindo até chegar no produto final e que tá dando muito certo, nossos resultados estão sendo satisfatórios. A nossa parte de análise de jogo, de estratégia tá casando muito e dando certo, os jogadores estão comprando a ideia” (ANALISTA A).

“Como eu trabalhei um tempo na base, vejo uma diferença pelo menos em um primeiro momento, o pessoal que está começando que é um pouco mais novo, é um pessoal que já sabe o que é um analista de desempenho do que o pessoal do universo do profissional e também do profissional que é mais velho. Pessoal da base, por exemplo, nunca tive nenhum problema, nenhuma rejeição, mas claro que aos poucos iam conhecendo, tinham treinadores que via apenas uma vez por semana e olhe lá ainda ou só durante os jogos mas mesmo assim eles conversavam comigo, pediam pra passar e recebendo os materiais, fazendo o que ele tá pedindo, a confiança vai aumentando, nunca tive nenhum problema logo de cara com o pessoal da base. Já no profissional, que uma vez ou outra, por ser um pouco mais velho e nunca ter tido aquilo ou por ter experiências mal vividas com analistas anteriores ou que também não via muita vantagem no que estava fazendo, eles não ligavam

muito e mesmo assim eu fazia, deixava claro para os jogadores mesmo sem a explicação do treinador, não explicava nada mas desde que o vídeo ficasse claro, passando a informação tava beleza, eu dava um jeito para que a informação chegasse da melhor maneira possível, mesmo que o treinador ligasse ou não. Tem também treinadores do profissional que acabam utilizando muito, principalmente os mais novos ou que já tiveram contato anteriormente com analistas de maneira positiva, acaba pedindo, as vezes até demais, mas pra mim isso é positivo, é um ponto bem interessante, porque acaba sendo mais útil” (ANALISTA B).

Esses dois relatos foram importantes pois os analistas A e B trazem uma perspectiva semelhante quanto à confiança da comissão técnica, e principalmente dos treinadores sobre a utilização de analistas de desempenho em seus times. Tanto o analista A como o B relatam que são momentos distintos de trabalho. Há vezes em que suas atividades são importantes e a comissão e os treinadores utilizam seus conhecimentos e seus dados para o desenvolvimento da equipe, porém houve vezes em que seus trabalhos foram ignorados ou preteridos por treinadores mais tradicionais.

Por ser uma área ainda pouco desenvolvida no futebol e que começou com cursos formativos há pouco tempo, o scout sofre preconceitos de treinadores e comissões mais antigas, que já são tradicionais no meio esportivo. Nesse sentido, os dois analistas repassam esse mesmo resultado, de que o scout contribui, tem todos seus benefícios comprovados, mas ainda dependem da estrutura organizacional da comissão técnica e do técnico.

É a partir desse ponto que entra o outro fator sobre a credibilidade do trabalho do analista em um clube de futebol: o preconceito. Os analistas A e B trouxeram discursos semelhantes sobre a análise como algo novo em um meio tão tradicional e conservador com o esporte, e especificamente, o futebol.

“Existe, mas creio que existe em todas as áreas, até você conseguir mostrar o seu trabalho e mostrar que o seu trabalho é fidedigno, até você conquistar a confiança. Tem treinador que já chegam muito aberto a trabalhar por já conhecer o trabalho de outros analistas, por já ter tido experiências boas em outros clubes, então já chega

aberto por saber que um analista pode ajudar ele. Tem treinadores a moda antiga que nunca tiveram analistas na comissão deles, só ouve falar, então chega aqui e trata com um preconceito até você mostrar seu trabalho, ou então não consegue mostrar também, não te da abertura, isso acontece, já aconteceu comigo de treinador que não utilizou meu trabalho pra nada. Também já aconteceu de pegar o meu material pronto e não utilizar, faz do jeito que quer e só pede porque eu estou aqui no clube. Existe muito dos treinadores das antigas usarem as frases: 'esse analista aí só fica na frente do computador, nunca chutou uma bola, nunca jogou bola', considerando que muito desses treinadores das antigas foram jogadores" (ANALISTA A).

"Vejo muito nisso na questão de geração, tanto de profissionais do clube quanto de jogadores. De profissionais do clube, geralmente as pessoas mais velhas, de novo cai naquela situação de nunca viu, nunca teve isso, 'por que vai ter isso? O que ele faz? Pra que aquilo serve?'. Então com certeza isso já passou na cabeça de pessoas dos clubes que já passei, mas vendo e conversando com eles, acabam entendendo, entendendo a importância e o preconceito acaba dissolvendo aparentemente. De jogador é a mesma situação, já passei do sub-13 ao profissional aqui e comecei com a geração de 1999 do sub-20. Os meninos de 1999, 2000, até 2001, tinham um pouco de bloqueio quanto a isso, passaram a base inteira sem nenhum analista, sem ninguém filmando, sem nada e agora aparecendo que acabavam tomando um susto e ficavam com um pé atrás, mas já os de 2001 pra cima é muito aceitável, eles mesmo pedem pra ver as situações, absorviam mais rápido que os mais velhos e no profissional é mesma situação, já aconteceu de jogador muito velho não gostando, não dando muita moral pro que está sendo passado, pois passaram grande parte da carreira sem ninguém cobrando e deu certo, então sentem que é uma coisa que não vai acrescentar muito" (ANALISTA B).

Essas duas declarações demonstram como o esporte e o futebol ainda são carregados de princípios tradicionais e conservadores. A crença de muitos

treinadores e comissões técnicas de que algo novo não dá certo porque “lá atrás funcionava dessa forma então não tem porque mudar”, é um empecilho que trava no desenvolvimento do trabalho dos analistas. Apesar de a atividade do analista ser fundamental para o futebol, o trabalho deve ser feito em conjunto, como uma unidade, utilizando todas as ferramentas para a evolução da equipe, porém, há divergências entre comissões e treinadores que impedem esse movimento. O analista B complementa ainda que não só treinadores e comissões possuem preconceito contra analistas, mas também jogadores, desde o profissional até as categorias de base.

Oliveira (2015) cita que a evolução tecnológica e do scout passou a auxiliar as comissões técnicas no futebol para obter dados objetivos do jogo, entretanto, parece que na realidade do analista de desempenho essa evolução ainda é um pouco negada dependendo da perspectiva de scout em que a comissão técnica enxerga. Apesar de ser notada e comprovada, a evolução trazida com o scout ainda não é legitimada por conta de ações conservadoras de grupos mais tradicionais do futebol.

Portanto, percebe-se nessa última categoria de análise que há problemas enfrentados pelos analistas em seus campos de atuação. De acordo com os resultados, os analistas têm momentos diferentes de credibilidade de seus treinadores e comissões. Em alguns eles são utilizados e integrados como ferramenta primordial da comissão técnica do time, porém em outros momentos eles são preteridos por experiências e achismos tradicionais e conservadores de técnicos e comissões com outra perspectiva.

Nessa parte do trabalho, foram apresentados os principais resultados sobre os dados da pesquisa. Nesse sentido, foram mostradas três categorias de análise, que foram construídas a partir das declarações feitas pelos analistas A e B: 1- Formação do analista de desempenho; 2- Importância dos dados e do profissional; 3- Credibilidade do trabalho/resultados para a comissão técnica. Nesse sentido, a opção escolhida para a apresentação dos dados foi pelo recorte e destaque das transcrições das entrevistas realizadas com os analistas, pois é importante que esses dados sejam mostrados a partir das crenças, opiniões e experiências e com as palavras dos próprios sujeitos pesquisados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar a utilização do scout de analistas no cotidiano de um clube de futebol de Goiânia, observou-se a partir dos dados coletados nas entrevistas com os dois profissionais que há três características primordiais em seu trabalho. A primeira característica diz respeito à formação dos analistas que usam o scout como ferramenta.

De acordo com os resultados, não há uma formação acadêmica específica para os analistas de desempenho. A formação ocorre por meio de experiências em cursos de graduação em que o tema esportivo está ligado, de experiências profissionais e de cursos específicos.

A segunda característica diz respeito à importância dos dados de scout e dos analistas de desempenho. Segundo os resultados, os analistas possuem três tipos principais de análise (a direta, a indireta e a mista), duas formas de analisar os dados (a quantitativa e a qualitativa) e possuem benefícios evidentes e dificuldades durante suas atividades.

A terceira e última característica diz respeito à credibilidade do analista e dos resultados para a comissão técnica. De acordo com o que foi investigado, os analistas possuem (ou não possuem) credibilidade de acordo com a perspectiva da comissão técnica. Caso a comissão seja mais tradicional ou conservadora, os analistas e os scouts os quais eles realizam são pouco ou inutilizáveis. Entretanto, com comissões mais inovadoras, suas atividades são cobradas de forma efetiva.

Portanto, esse estudo demonstrou explorou inicialmente, como explicado anteriormente, como funciona o trabalho de analistas de desempenho de futebol e como suas atividades auxiliam no desenvolvimento desse fenômeno.

Apesar de desenvolver o objetivo proposto por essa pesquisa, surgem algumas lacunas que podem ser mais aprofundadas por outros estudos posteriores, por exemplo, sobre a formação desses analistas de desempenho. Já que não há uma estrutura formativa específica, como são esses cursos de preparo para o analista? Um analista deve estar contemplado apenas por suas experiências profissionais ou deve buscar os conhecimentos específicos dessa área? Quais são esses conhecimentos específicos? Eles estão ligados a outras áreas do conhecimento? Quais cursos e quais instituições fora das universidades e faculdades devem oferecer essa estrutura de formação?

Além dessas considerações, as formas de análise utilizadas pelos profissionais. Diferente do que se pensa no senso comum, as análises ou o scout esportivo vai muito além do aspecto quantitativo e da mensuração de ações ou de fundamentos do futebol. O scout também é importante para entender qualitativamente o porquê de estar ocorrendo essas ações ou fundamentos.

Esse ponto é importante e pode ser utilizado como faísca para outras produções científicas, pois há questões pertinentes para o tema, como, de que forma essa análise qualitativa influencia no desenvolvimento ou na evolução de um atleta ou de uma equipe? A análise quantitativa auxilia na análise qualitativa? Há trabalhos ou momentos específicos em que um tipo de análise é preterido por outro? Essas são algumas questões que podem fomentar pesquisas futuras sobre o tema e enriquecer ainda mais as produções científicas sobre o tema e o objeto de estudo.

Por fim, os resultados apresentados por este trabalho confirmam a tese de Vendite (2010). De acordo com o autor, o uso do scout, mais especificamente, o trabalho desenvolvido por analistas de desempenho é imprescindível para o esporte em geral, e em especial, o futebol. Nessa pesquisa foi possível analisar como é feito o trabalho de analistas de um clube de futebol goianiense empiricamente e foram constatados pontos sensíveis sobre a formação do analista que utiliza o scout, a importância desses profissionais e dos dados que eles trabalham e, por fim, a credibilidade do trabalho para a comissão técnica.

REFERÊNCIAS

AKSTEIN, D. et al. **Craques no Microfone: o futebol, a mídia e os ex-jogadores**. Campinas: PUC, 2003.

BOTTARO, L. E. V. **Análise de scout em partidas de futebol: Finalizações da Equipe do Cruzeiro Esporte Clube nos jogos da fase de grupos da Taça Libertadores da América do ano de 2009**. (Monografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009. Disponível em: <<http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/DATA/defesas/20150710164738.pdf>>. Acesso em: março de 2022.

DAOLIO, J. (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FERNANDES, J.L. **Futebol: ciência, arte ou ... sorte!** São Paulo: EPU, 1994.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010. 184 p.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p.

GODIK, M. A. **Futebol: preparação dos futebolistas de alto nível**. Londrina: Editora Grupo Palestra Sport, 1996.

MARTIN, O. Da estatística política à sociologia estatística. Desenvolvimento e transformações da análise estatística da sociedade (séculos XVII-XIX). **Revista brasileira de História**, v. 21, p. 13-34, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/MJK4YkdbbhfQY843NjHhBrx/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: março de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 27 ed. 2008. 88 p.

OLIVEIRA, B. M. et al. Modelos de análise do scout para o futebol baseado na copa do mundo de 2014. **RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, v. 7, n. 26, p. 413-418, 2015. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5317751>>. Acesso em: março de 2022.

ORTEGA, J.P. Análisis de la dimensión espacio em fútbol. **Revista Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v.5, n.28, dez.2000. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd28a/espacio.htm>>. Acesso em: março de 2022.

RINALDI, Wilson. Futebol: manifestação cultural e ideologização. **Revista da Educação Física/UEM**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3804>>. Acesso em: março de 2022.

RODRIGUES, H. A. **Formação e desenvolvimento profissional do treinador**: um estudo sobre os treinadores de basquetebol, suas identidades e saberes. 2014. 233f. 2014. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RUNA, D. O que é Scouting? **Ciência da bola**. 2021. Disponível em: <<https://www.cienciadabola.com.br/blog/scouting>>. Acesso em: março de 2022.

SAMPAIO, N. A. de S.; DANELON, M. C. T. de M. Aplicações da Estatística na Ciência. **Revista da Associação Educacional Dom Bosco**. 2015. Disponível em: <<https://www.aedb.br/wp-content/uploads/2015/05/64.pdf>>. Acesso em: março de 2022.

VENDITE, L. L. Estatística no Esporte: uma aplicação no futebol. **19º Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística**. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www2.ime.unicamp.br/sinape/19sinape/node/183>>. Acesso em: março de 2022.

VENDITE, L. L.; MORAES, A. C.; VENDITE, C. C. Scout no futebol: uma análise estatística. **Revista Conexões**, v. 1, n. 2, p. 183-194, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE I- ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- 1-** Nome, idade, profissão, tempo de clube e formação acadêmica.
- 2-** Como foi a sua formação para a profissão? Existem cursos que são pré-requisitos para trabalhar na área?
- 3-** Quais os tipos de scout que você conhece?
- 4-** Qual a importância do scout/análise durante a temporada de um clube?
- 5-** Existe a diferença entre a utilização do scout no treino e nos jogos?
- 6-** Quais os benefícios e possíveis malefícios do scout?
- 7-** Atualmente, como fazem a utilização desses dados?
- 8-** Você acha que todos os treinadores confiam no trabalho do observador/analista?
(Se não) o que falta para os treinadores confiarem mais?
- 9-** Qual o peso de uma scout/análise na contratação de um jogador para o clube?
- 10-** Existe preconceito para com a utilização do scouting?

APÊNDICE II- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ANALISTA A

1- Nome, idade, profissão, tempo de clube e formação acadêmica.

Analista A, Analista de Desempenho do Vila Nova Futebol Clube desde 2017, primeiro ano nas categorias de base e a partir do segundo no profissional, tenho 30 anos e sou formado em Educação Física – Bacharelado pela Universidade Federal de Goiás.

2- Como foi a sua formação para a profissão? Existem cursos que são pré-requisitos para trabalhar na área?

Não existe pré-requisito para trabalhar na área, você pode ser formado em qualquer área, ou não ser formado e pode trabalhar como analista de desempenho. Não é pedido nenhuma formação específica. O que vale é o seu conhecimento e como passar o que é pedido. Então, eu me formei em Educação Física e prestes a me formar decidi pesquisar mais sobre isso, voltado para a análise de jogo e acabei de descobrindo que existia uma profissão específica com esse nome de Analista de Desempenho, pra ser sincero eu não conhecia que existia um cargo específico pra isso. Depois disso, passei a fazer vários cursos, aqui no Brasil existiam poucos e foi bem nessa época que começaram a sair muitos cursos e foi muita coincidência pois foi bem na época que eu comecei a estudar e procurar sobre. Fiz vários cursos, cursos online, cursos presenciais, fiz curso da CBF, todos voltados para a Análise de Desempenho.

3- Quais os tipos de scout que você conhece?

Lá no início, quando você vai estudar a análise de jogo e a análise de desempenho, são divididas em duas partes: Análise in-loco e Análise a distância/Observação. Hoje em dia a tecnologia ajuda muito nessa análise, você não precisa ficar indo aos estádios, você consegue ficar em casa e assistir dois, três jogos seguidos no notebook, na televisão ao invés de ficar se deslocando de um estádio pro outro, como era antigamente, antes dessa parte tecnológica ser inserida.

Então são divididos nessas duas formas, presencial e não presencial, a presencial acaba tendo o nome de análise in-loco. Fora isso, tem as outras duas formas de análise, que são usadas em várias outras áreas: Qualitativa e Quantitativa. Eu trabalho aqui muito mais, ou até 100% com a análise Qualitativa, no início quando eu era leigo nessa parte da análise de desempenho, eu pensei que ia mexer com muito número no início, e entrei mexendo com números, fazia registro dos jogos: passe certos, passes errados, finalizações certas, finalizações erradas, finalizações no alvo, finalizações pra fora, essa é a parte mais quantitativa do jogo que no meu cargo hoje se usa muito pouco, eu foco mais na análise qualitativa que é você estudar o jogo, estudar o adversário, quais são os pontos fortes e pontos fracos, como eles saem jogando atrás desde o tiro de meta, se curto ou longo, quando é curto se saem mais com o zagueiro da esquerda ou da direita, se o zagueiro da direita é melhor construtor do que o outro zagueiro, a gente vai passando essas estratégias para o treinador para ele refletir, treinar a equipe se vai pressionar o zagueiro, se vai deixar jogar ou vice-versa. Essa análise qualitativa começa assim, desde o tiro de meta até a fase de finalização da equipe, construindo desde o tiro de meta lá atrás até em como eles finalizam as jogadas, se é um time de muita posse de bola, se é um time mais vertical, se chega muito pelo lado apostando em cruzamento ou se é um time com muita associação por dentro do campo, enfim, é dessa parte que eu procuro trabalhar, da parte mais qualitativa do jogo. Essa parte da construção é focada com a posse da bola, já sem a posse se eles fazem marcação alta no tiro de meta ou se eles deixam sair jogando, se marcam em bloco baixo/médio/alto, se é uma equipe que pressiona o tempo todo, se dentro ou fora de casa espera mais no campo defensivo, se dentro de casa é uma equipe que sempre pressiona pra não deixar o adversário sair jogando, sempre relacionando essas coisas para conhecer o adversário, comportamentos fora e dentro de casa, que isso faz diferença hoje em dia. Então é assim que eu procuro trabalhar, relacionando 2,3,4 jogos do adversário, fazendo essa relação de um jogo com o outro até definir um padrão, mostrando como eles se comportam em cada fase do jogo.

4- Qual a importância do scout/análise durante a temporada de um clube?

A gente também faz análise da nossa equipe, sempre depois dos nossos jogos, analisamos como foi a nossa equipe da mesma forma como analisamos o

adversário, como foi a nossa construção de jogo, como foi a fase de finalização, por onde a gente conseguiu finalizar, nossos erros também, então lá no final da temporada a gente pode relacionar os primeiros jogos da temporada e jogos do final e podemos ver o quanto a nossa equipe evoluiu, se a gente conseguiu corrigir os erros que cometíamos antes, por exemplo, agora que estamos saindo da fase de pré-temporada, todo mundo vindo de férias, chegam alguns jogadores que demoram a encaixar, entrosamento. Na nossa equipe, perdemos só 2 jogadores dos 11 titulares do ano passado e mesmo assim a gente sente que ainda não chegou no ideal, no esperado do nosso time e isso apenas com a perda de 2 jogadores então após o final do goiano, antes do começo do brasileiro a gente pode fazer essa análise e comparar, jogos do início e de agora e ver o que mudou, tudo baseado na análise qualitativa.

5- Existe a diferença entre a utilização do scout no treino e nos jogos?

A nossa Análise de treino é mais individual do que a dos jogos que são mais coletivas, nos jogos a gente costuma corrigir de forma mais coletiva, sentamos na sala de vídeo com o elenco inteiro e mostra o que fez de bom, o que fez de ruim, onde podemos melhorar. Já nos treinos a gente procura corrigir mais de forma individual, separar vídeos de forma individual mesmo, por exemplo, o Lateral direito, se ele tá fazendo alguma movimentação errada ou alguma movimentação que ele está fazendo muito bem pra gente potencializar e assim em todas as posições, de forma mais individual então eu diria que a principal diferença entre a utilização de treino e de jogo é essa.

E vocês gravam todos os treinos?

A gente grava a maioria dos treinos, não todos. Quando é treino de parte tática a gente grava, mas quando é treino de finalização ou algum treino específico a gente não grava. Por causa do calendário, jogos muito perto um dos outros, as vezes vai pro campo mais pra soltar os jogadores, não tem muito tempo pra corrigir, então você vai só pra posicionar e mostrar alguma mudança que quer para o jogo seguinte.

6- Quais os benefícios e possíveis malefícios do scout?

Sobre benefícios tem a evolução da equipe, evolução individual dos jogadores. Tem jogadores que pedem vídeos após os jogos para ver onde erraram, pedem conselho do que podem melhorar, são poucos mas isso já vem crescendo bastante e desde que comecei aqui (5 anos), as vezes um jogador pedia um gol dele, pedia pra postar nas redes sociais, mas isso vem evoluindo e hoje acabam pedindo mais, zagueiros pedem vídeo pra corrigir alguma coisa, pede minha opinião e isso vem evoluindo bastante, ver que os jogadores estão querendo melhorar. E isso a gente vê que evolui mesmo, por exemplo, o último clássico que a gente ganhou (Vila 3x2 Atlético-GO), depois a gente pode pegar um jogo da série B (que ainda não começou) que a gente perdeu, a gente pode pegar muito mais pontos positivos do que esse de agora, porque durante o ano a gente vai conseguindo evoluir muita coisa e isso faz muita diferença, trabalhar assim com a análise qualitativa com o vídeo. Sobre malefícios eu diria que são mais em períodos turbulentos, por exemplo, o time está em uma fase ruim, sequencia sem vitórias, e continua mostrando vídeo, querendo corrigir, parece que vai tirando a confiança dos jogadores, parece que só quer mostrar coisas negativas, eles já sabem que estão jogando mal, estão perdendo e continua querendo corrigir, então vejo esse como o único malefício, como um excesso de cobrança, cobrança da torcida, rede social, ai chega na segunda feira e tem mais vídeos de erros deles. Isso aconteceu ano passado aqui no clube, pegamos uma fase turbulenta e a gente resolveu tirar os vídeos, só fazia vídeo dos adversários para mostrar como o adversário vinha a jogar, já dos nossos jogos a gente ficou um tempo sem mostrar porque era uma fase ruim, a gente ia ficar só mostrando erro e no que a gente estava pecando e não estava legal, estava apenas martelando a cabeça deles, até que os resultados voltaram a aparecer e retomamos os vídeos.

7- Atualmente, como fazem a utilização desses dados?

Temos um software chamado Wyscout. Todos os jogos televisionados, jogos monitorados por federações, caem os vídeos e os relatórios individuais nessa plataforma. No dia seguinte dos jogos, os vídeos já estão lá cortados, se eu quero só os escanteios dos jogos, clico em escanteios ofensivos e vai ter todos os escanteios,

defensivos também. Se eu quero ver algum jogador, nosso volante por exemplo, clico no nome dele e quero ver só os lançamentos que ele fez vou lá e clico, tem todos os vídeos. O programa é fantástico e facilita muito a vida, e além desses dados, também aparece os dados quantitativos então a gente não perde mais tanto tempo fazendo isso pois o software já deixa tudo pronto depois do jogo, aparece o relatório completo do jogador, da equipe, chutes ao gol, faltas cometidas, faltas sofridas da equipe e de cada jogador mas isso acontece mais em campeonatos brasileiros, no campeonato paulista também tem, o campeonato goiano não tem nessa plataforma nem os clássicos, só não sei se é por acordo de federação ou direito de imagem. A série B é muito “fácil” de trabalhar, eu diria porque eu não preciso ficar coletando tanta coisa, eu pego pronto no software, baixo e já faço. Já no campeonato goiano eu tenho que coletar os dados e aí eu gasto mais tempo pegando os vídeos do que os dados quantitativos. Por exemplo, temos um jogo essa semana, eu consegui pegar todos os jogos do adversário na temporada (4 jogos), assisti todos por vídeo, vou separando e fazendo a análise e monto uma edição de vídeo com média de 10min, entre 8 e 12min de vídeo, baseando tudo: fase ofensiva, fase defensiva, bolas paradas, transições. E o vídeo tem essa duração para não ficar muito extenso, se colocar 30min de vídeo do adversário, os jogadores vão assistir um tempo e perder o foco. E essa média de tempo atende muito, considerando os analistas que eu conheço, a grande maioria trabalha com essa faixa de tempo. Antes de mostrar aos jogadores, apresento para o treinador o material de vídeo pronto, daí em cima disso ele já monta estratégia pro jogo por isso é importante a minha presença nos treinos, para que quando o treinador passe as coisas para os atletas no campo eu analise nos pós jogos e corrija aquilo que ele passou, para não fazer vídeos que não fazem sentido com o que o treinador passou para os atletas no treino. É assim que eu costumo trabalhar, faço o vídeo, passo para o treinador e vamos discutindo durante a semana. Geralmente passamos o vídeo na véspera do jogo pois temos mais certeza de como a nossa equipe vai jogar contra o adversário e dá tempo de colocar e tirar lances do material de vídeo, sentir mesmo como o adversário vai se portar e entender a nossa melhor maneira de jogar contra o determinado adversário. Eu monto uma prévia no início da semana, mas o vídeo final sempre é modificado, vou discutindo com o treinador, vou analisando a semana de treino até encaixar o material. E também tudo é situacional na análise do adversário, comportamento de equipes x times grandes, fora de casa, dentro de

casa, mas também pego lance de todos os jogos porque pode acontecer no nosso jogo. A gente monta em uma ordem lógica, desde como saem da defesa até finalizar a jogada. Sem a posse, desde a marcação no ataque e depois na defesa.

8- Você acha que todos os treinadores confiam no trabalho do observador/analista? (Se não) o que falta para os treinadores confiarem mais?

Eu entrei aqui como estagiário, e o primeiro treinador que tive oportunidade trabalhar era um treinador jovem, dois anos apenas mais velho que eu e me deu muita liberdade, me sugava muito e me dava liberdade de discutir com ele e me sentia muito confortável com ele, evolui muito por causa dessa abertura e ele era o treinador do sub20. Depois que eu subi pro profissional, o primeiro treinador me pedia muita coisa, mas era uma relação muito fria, eu só passava o material, a partir dali não tinha dialogo e partir disso era o que ele interpretava do material. Já tiveram outros treinadores que não pediam a imagem aberta (aparecendo mais jogadores, mais fácil de estudar o jogo do que a imagem da TV), então já aconteceu de me pedirem pra refazer só com imagem de TV, com narração do jogo, queria ouvir a narração porque não sabia reconhecer quem estava com a bola e gostava de ouvir a narração. Já houve treinadores que não utilizavam quase nada do meu trabalho, já fiquei por volta de 3 meses sem usar o meu trabalho, o treinador não gostava de mostrar vídeo, usava muito pouco, ia muito mais na base dos achismos dele, era um treinador mais antigo. O treinador atual me dá muita liberdade, é a relação perfeita que eu penso entre Analista-Treinador, vamos construindo o material durante a semana toda, discutindo até chegar no produto final e que tá dando muito certo, nossos resultados estão sendo satisfatórios. A nossa parte de análise de jogo, de estratégia tá casando muito e dando certo, os jogadores estão comprando a ideia.

9- Qual o peso de uma Scout/análise na contratação de um jogador para o clube?

A análise de desempenho eu diria que é de uma forma geral, mas dentro da análise acabam dividindo em vários cargos: análise do adversário, análise da própria equipe, análise mercado. Então são esses analistas de mercado que ficam monitorando jogadores, fazendo relatórios. Aqui, teve uma época que eu trabalhei

nessa área, já hoje em dia faço muito pouco porque me aprofundei muito nessa área de análise de adversário e é o que eu mais gosto. A análise de mercado é uma parte que tem muita responsabilidade, de indicar uma contratação, mexe com a parte financeira do clube. Eu mesmo costumo deixar pra diretoria, pro presidente, a nossa relação é bem aberta, sempre perguntam se eu conheço algum jogador, pede opinião, aceita indicações de jogador caso eu veja algum, mas não significa que irá contratar caso eu indique alguém. Então aqui no clube não vai chegar uma contratação e falarem que foi o analista que contratou, sempre é o presidente que bate o martelo final. Temos um grupo no Whatsapp só pra indicação de jogador, todo dia chegam vídeos de jogador, cada jogo que você vê e gosta de algum jogador, manda no grupo e vai analisando, daí a partir disso o presidente vai atrás. A análise de mercado é muito diferente, o cara vai pro jogo focado em analisar individualmente, ver características e entender em como o jogador se encaixa na equipe dele.

10- Existe preconceito para com a utilização do scouting?

Existe, mas creio que existe em todas as áreas, até você conseguir mostrar o seu trabalho e mostrar que o seu trabalho é fidedigno, até você conquistar a confiança. Tem treinador que já chegam muito aberto a trabalhar por já conhecer o trabalho de outros analistas, por já ter tido experiências boas em outros clubes, então já chega aberto por saber que um analista pode ajudar ele. Tem treinadores a moda antiga que nunca tiveram analistas na comissão deles, só ouve falar, então chega aqui e trata com um preconceito até você mostrar seu trabalho, ou então não consegue mostrar também, não te da abertura, isso acontece, já aconteceu comigo de treinador que não utilizou meu trabalho pra nada. Também já aconteceu de pegar o meu material pronto e não utilizar, faz do jeito que quer e só pede porque eu estou aqui no clube. Existe muito dos treinadores das antigas usarem as frases: “esse analista aí só fica na frente do computador, nunca chutou uma bola, nunca jogou bola”, considerando que muito desses treinadores das antigas foram jogadores.

APÊNDICE III- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA ANALISTA B

1- Nome, idade, profissão, tempo de clube e formação acadêmica.

Meu nome é Analista B, tenho 33 anos, aqui no Clube tenho quase 4 anos, vai dar 4 anos em junho. Sou formado em Ciências do Esporte na Universidade Estadual de Londrina. Era Analista de desempenho até janeiro, agora sou Analista de Mercado.

2- Como foi a sua formação para a profissão? Existem cursos que são pré-requisitos para trabalhar na área?

Por ser formado em Ciências do Esporte, ajudou um pouco, tenho uma pós-graduação, mas é um pouco fora da área, foi em medicina do esporte. Pra ter chegado aqui no Vila, trabalhei na minha cidade lá em São José dos Campos como preparador físico do sub-15 em 2014, depois em 2017 como auxiliar do sub-11 e do sub-13, 2018 como técnico do sub-11 e auxiliar do sub-13. Daí no meio de 2018 vim pra cá como Analista de Desempenho da base. Os cursos ajudam a ter maior conhecimento, ajudam a entender um pouco mais, ajudam um pouco no contato da prática, mas não tem pré-requisito não. Os cursos ajudam a entrar, mas não é obrigatório.

3- Quais os tipos de scout que você conhece?

Tem o direto, indireto e misto. O direto no campo, o indireto pelo computador ou algum lugar fora do campo e o misto nos dois, mas acredito que independente do tipo que for, a qualitativa e a quantitativa são mais influentes, porque dependendo do que o treinador pedir ou estiver treinando ou está no jogo, o número não vai te dar a resposta. Acredito que entender o que tá acontecendo, entender o que o treinador quer é a melhor resposta para o tipo de scout.

4- Qual a importância do scout/análise durante a temporada de um clube?

É bem importante, influencia muito no trabalho que está sendo feito, as vezes a gente está procurando ver por um ângulo, ou por uma maneira diferente do que todo mundo tá vendo no campo, ou o treinador/auxiliar estão vendo, a gente é mais uma visão da mesma situação que está acontecendo e isso pode ser durante treino, durante jogos, pelo olho na hora da conversa, no computador ou por desenhos, de alguma maneira que demonstre a situação diferente do que estão vendo ou então comprove que realmente está acontecendo e com isso ao longo dos dias, semanas, meses acaba influenciando, acaba mostrando pontos que convergem e pontos que divergem e com isso vai agregando no trabalho e ao fim de uma temporada a chance de estar melhorando são maiores.

5- Existe a diferença entre a utilização do scout no treino e nos jogos?

Na base e no profissional eu procuro me posicionar onde o treinador não está, ou pelo menos de um lugar que eu consiga ouvir mas esteja do lado oposto, para que eu consiga dar uma resposta melhor por estar vendo mais perto do que o treinador e isso durante os treinos. E ai durante o treino, ou entre um exercício e outro a gente acaba conversando e tendo uma troca de ideias que acabam influenciando no trabalho e no treinamento dos jogadores. Já nos jogos é um pouco mais demorado, tem que estar vendo, pra ter uma certeza e ter uma resposta bem clara e objetiva porque é tudo muito rápido, pro treinador ou pro auxiliar tem que ser alguma coisa muito direta e clara do que está sendo passado, porque ao mesmo tempo está conversando com a gente, está acontecendo o jogo, banco de reservas falando, árbitro, enfim, a gente tem que ser muito preciso, diferente do treino, as vezes no jogo a gente pode tentar ligar, mandar mensagem ou no intervalo por isso é até um pouco mais demorado do que nos treinos, mas acaba tentando influenciar, tentando ajudar no que está acontecendo e dar alguma resposta, por exemplo, de algum ponto fraco que estão explorando.

6- Quais os benefícios e possíveis malefícios do scout?

De benefício eu vejo que a gente é a prova do que está acontecendo nos treinos e nos jogos e com as nossas imagens, desenhos ou mesmo um vídeo, o treinador consegue mostrar pro jogador o que ele está fazendo, as vezes na fala ou

no quadro não fica tão claro pro jogador e vendo vídeo ele consegue entender. Além disso, a gente também consegue mostrar que além de variações setoriais ou do grupo inteiro, mostrar o posicionamento corporal, tipo domínio, enfim, influências individuais e desenvolver algo que normalmente não dá pra ver no treino e no jogo, já que são tantas informações vindo que acaba não tendo isso. E com essas imagens e vídeos, o jogador vê o que tá fazendo, e antigamente, o jogador falava “ah, não to fazendo isso” então não tinha como provar, agora não tem pra onde eles fugirem. De malefícios é uma questão de tentar conversar, de tentar ajustar com a comissão, com o que tá precisando passar, o que está precisando mostrar porque as vezes pode querer mostrar uma situação do grupo ou setorial que não é o que o treinador quer, daí a gente precisa sempre se alinhar, as vezes acaba ultrapassando essa barreira e isso pode causar problemas porque as informações começam a convergir, a informação chega no jogador e ele fica confuso com o que chega e bagunça tudo.

7- Atualmente, como fazem a utilização desses dados?

Então, no treino não tem nada gravado, a gente conversa, vê. Daí pro pré-jogo, a gente passa os jogos para o treinador e para o auxiliar, aí com os vídeos pro pré-jogo a gente começa a tirar as características individuais dos jogadores, aí então passar para os jogadores bem mais mastigado, só que alinhado com todo mundo que tá envolvido naquilo. Todos os jogos são filmados e com isso todo mundo vai receber o jogo pra ver, conversando dá pra fazer um vídeo pra um ou pra outro, individual também ou o grupo inteiro, por setores, pra corrigir ou pra dar o feedback positivo do que está sendo feito

8- Você acha que todos os treinadores confiam no trabalho do observador/analista? (Se não) o que falta para os treinadores confiarem mais?

Como eu trabalhei um tempo na base, vejo uma diferença pelo menos em um primeiro momento, o pessoal que está começando que é um pouco mais novo, é um pessoal que já sabe o que é um analista de desempenho do que o pessoal do universo do profissional e também do profissional que é mais velho. Pessoal da base por exemplo, nunca tive nenhum problema, nenhuma rejeição, mas claro que aos

poucos iam conhecendo, tinham treinadores que via apenas uma vez por semana e olhe lá ainda ou só durante os jogos mas mesmo assim eles conversavam comigo, pediam pra passar e recebendo os materiais, fazendo o que ele tá pedindo, a confiança vai aumentando, nunca tive nenhum problema logo de cara com o pessoal da base. Já no profissional, que uma vez ou outra, por ser um pouco mais velho e nunca ter tido aquilo ou por ter experiências mal vividas com analistas anteriores ou que também não via muita vantagem no que estava fazendo, eles não ligavam muito e mesmo assim eu fazia, deixava claro para os jogadores mesmo sem a explicação do treinador, não explicava nada mas desde que o vídeo ficasse claro, passando a informação tava beleza, eu dava um jeito para que a informação chegasse da melhor maneira possível, mesmo que o treinador ligasse ou não. Tem também treinadores do profissional que acabam utilizando muito, principalmente os mais novos ou que já tiveram contato anteriormente com analistas de maneira positiva, acaba pedindo, as vezes até demais, mas pra mim isso é positivo, é um ponto bem interessante, porque acaba sendo mais útil.

9- Qual o peso de uma scout/análise na contratação de um jogador para o clube?

No processo daqui, tem eu como analista de mercado que só procura, fica realizando relatório de jogadores que estão pra fora, mas tem dois coordenadores que ficam entrando em contato com diretores e com o presidente para ver de acordo com a necessidade o que está sendo visto. Além de mim, que estou exclusivo pra isso, tem o analista da base que também auxilia nessa situação e o pessoal da base inteiro acaba sendo escalados para estar assistindo jogos com uma certa frequência. Com isso, acaba tendo relatórios de diversas maneiras, mas os coordenadores vão se ajustando, fazendo com que o processo tenha mais de uma pessoa vendo o mesmo jogador. Então acontece de uma cara ver, não intencionalmente, já repassa pra mim pra ver se bate, se bater eles mesmo já veem, mas sempre acaba tendo três votos para a mesma impressão de um jogador. Se os três votos tiverem uma sinalização positiva, já repassa para o presidente e para os diretores e conversam entre eles pra ver se vale a pena, se é para o momento ou para depois, já entra em contato, então o processo de agora tá sendo esse. Vejo que a análise tem se desenvolvido tanto com o passar do tempo que acabou se dividindo em análise de

desempenho e análise de mercado como foi aqui pra esse ano, e fica tão exaustivo quanto que acaba tendo que abastecer, tanto as carências atuais, as possíveis vendas que possam vir a acontecer e já deixar engatilhado alguns nomes e alguns futuros que não está precisando agora, mas quando vier a precisar já tenha pelo menos uns nomes em vista. Aqui já teve alguns nomes que passaram por mim, eu dei positivo e continuou o processo, mas não acredito que nunca é só eu, nunca é só um, é sempre um grupo porque quanto mais gente vendo a mesma situação a chance de dar certo aumenta e a gente nunca é sozinho não.

10- Existe preconceito para com a utilização do scouting?

Vejo muito nisso na questão de geração, tanto de profissionais do clube quanto de jogadores. De profissionais do clube, geralmente as pessoas mais velhas, de novo cai naquela situação de nunca viu, nunca teve isso, “porque vai ter isso, o que ele faz, pra que aquilo serve?” então com certeza isso já passou na cabeça de pessoas dos clubes que já passei, mas vendo e conversando com eles, acabam entendendo, entendendo a importância e o preconceito acaba dissolvendo aparentemente. De jogador é a mesma situação, já passei do sub-13 ao profissional aqui e comecei com a geração de 1999 do sub-20. Os meninos de 1999, 2000, até 2001, tinham um pouco de bloqueio quanto a isso, passaram a base inteira sem nenhum analista, sem ninguém filmando, sem nada e agora aparecendo que acabavam tomando um susto e ficavam com um pé atrás mas já os de 2001 pra cima é muito aceitável, eles mesmo pedem pra ver as situações, absorviam mais rápido que os mais velhos e no profissional é mesma situação, já aconteceu de jogador muito velho não gostando, não dando muita moral pro que está sendo passado, pois passaram grande parte da carreira sem ninguém cobrando e deu certo, então sentem que é uma coisa que não vai acrescentar muito.